

Grupos Terapêuticos Como Intervenção Psicossocial No Caps Ad: Contribuições Do Serviço Social Na Promoção Da Saúde Mental

Rayssa Jackeline Graça Maciel¹  e Elsa Cristine Zanette Tallamini² .
Hospital de Clínicas de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo: A presente pesquisa foi desenvolvida no contexto do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde Mental, o qual buscou analisar as contribuições dos grupos terapêuticos como ferramenta de cuidado em saúde mental no contexto do CAPS AD, sob a ótica da atenção psicossocial e do Serviço Social, compreendendo de que forma as práticas grupais, articuladas à arte e ao vínculo profissional, possibilitam a expressão das subjetividades, a construção de vínculos e a ressignificação das trajetórias de vida de jovens usuários em situação de vulnerabilidade. Trata-se de um estudo de caráter descritivo, com abordagem qualitativa, fundamentada nos preceitos da Pesquisa-Intervenção. A coleta de dados se deu a partir da análise de prontuários e realização da pesquisa-intervenção em dois encontros utilizando a pintura em tecido como intervenção expressiva. Os resultados traçaram um perfil dos participantes do grupo, jovens de 18 a 35 anos, em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, com alta prevalência de desemprego e trabalho informal. Indicam ainda que os grupos terapêuticos são espaços significativos para o fortalecimento de vínculos, expressão de subjetividades e ressignificação de trajetórias de vida. A intervenção artística permitiu aos participantes explorar sentimentos e experiências. Destaca-se a arte como estratégia terapêutica para a promoção da saúde mental, possibilitando maior engajamento no tratamento e na construção de novas narrativas pessoais. O estudo reafirma a relevância dos grupos terapêuticos no CAPS AD para a atenção psicossocial e propõe a ampliação de práticas que integrem intervenções criativas e articulem suporte para reabilitação psicossocial dos usuários. Conclui-se que os grupos terapêuticos, aliados a ferramentas como a arte, representam uma abordagem eficaz no cuidado em saúde mental. Reforça-se a necessidade de qualificar as ações multiprofissionais no CAPS AD e ampliar as parcerias para inclusão social e econômica dos usuários, promovendo práticas mais humanizadas e integrativas.

Palavras-chave: serviços de saúde mental, intervenção psicossocial, arte, serviço social, transtornos relacionados ao uso de substâncias

Therapeutic Groups As Psychosocial Intervention In Caps Ad: Contributions Of Social Work In Promotion Of Mental Health

Abstract: This research was developed within the Multiprofessional Residency Program in Mental Health Care context. It sought to analyze the contributions of therapeutic groups as a mental health care tool within the CAPS AD context, from the perspective of psychosocial care and Social Work. It sought to understand how group practices, combined with art and professional relationships, enable the expression of subjectivities, the building of bonds, and the redefinition of the life trajectories of young users in vulnerable situations. This is a descriptive study with a qualitative approach, based on the precepts of Intervention Research. Data collection was based on the analysis of medical records and the implementation of intervention research in two meetings using fabric painting as an expressive

¹ Assistente Social e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Especialista em Atenção à Saúde Mental. Hospital de Clínicas de Passo Fundo. *E-mail:* rayssa.graca@hotmail.com.

² Psicóloga, Mestre em Psicologia da Saúde, Especialista em Psicologia Hospitalar e Saúde Coletiva. Hospital de Clínicas de Passo Fundo. *E-mail:* elsa.tallamini@hcpf.com.br

intervention. The results outlined a profile of the group participants, young people aged 18 to 35, living in contexts of socioeconomic vulnerability, with a high prevalence of unemployment and informal work. They also indicate that therapeutic groups are significant spaces for strengthening bonds, expressing subjectivities, and redefining life trajectories. The artistic intervention allowed participants to explore feelings and experiences. Art stands out as a therapeutic strategy for promoting mental health, enabling greater engagement in treatment and the construction of new personal narratives. The study reaffirms the relevance of therapeutic groups in CAPS AD for psychosocial care and proposes expanding practices that integrate creative interventions and articulate support for the psychosocial rehabilitation of users. The conclusion is that therapeutic groups, combined with tools such as art, represent an effective approach to mental health care. It reinforces the need to improve multidisciplinary actions in CAPS AD and expand partnerships for the social and economic inclusion of users, promoting more humane and integrative practices.

Keywords: mental health services, psychosocial intervention, art, social work, substance use disorders

INTRODUÇÃO

O Sistema Único de Saúde (SUS) foi instituído pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado em 1990 pelas Leis nº 8.080 e nº 8.142, que estabeleceram sua organização, princípios e diretrizes, esta concretização permitiu avanços significativos na área da saúde. A criação das Leis Orgânicas 8.080/1990 e 8.142/1990 fomentou a afirmação dos princípios e diretrizes do SUS, momento em que o Estado passou a ser responsável pela garantia do direito de acesso à saúde (Faria & Machado, 2022).

Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a definir a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças (Baroni & Andrade, 2021). Essa concepção trouxe o entendimento de que a saúde envolve fatores biológicos, sociais, culturais, psicológicos e ambientais. À medida que o conceito de saúde foi se expandindo, a saúde mental passou a ser reconhecida como uma parte integral desse bem-estar geral. No entanto, nem sempre

foi priorizada nas políticas públicas e no imaginário social. Por muito tempo, foi associada apenas ao tratamento de doenças graves, como a esquizofrenia ou transtorno depressivo (Baroni & Andrade, 2021).

Ademais, no Brasil, se fez urgente a implementação de políticas de saúde mental que respondessem a um sistema psiquiátrico existente, fundamentado, em grande parte, em um elevado número de hospitais psiquiátricos, os quais apresentavam uma baixa qualidade no atendimento e registravam frequentes violações dos direitos humanos (Almeida, 2019). Em 1970, na Itália, surgiu o paradigma de crítica ao modelo psiquiátrico clássico, que consistia no Movimento da Reforma Psiquiátrica e na luta antimanicomial, consolidando avanços importantes, fundamentais para transformar o modelo de atendimento, tirando o foco das instituições fechadas/manicômios para um atendimento mais comunitário e humanizado.

Deste modo, a reforma psiquiátrica fomentou a implementação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), tendo como estrutura os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), um espaço alternativo para o sofrimento mental, guiado pelo paradigma psicossocial, que valoriza o sujeito em sua complexidade e dentro de seu contexto comunitário. Corroborando com Feitosa et al. (2021), este enfoque ressalta a importância de práticas que se afastem de uma visão meramente biomédica da doença mental, priorizando ações que visem à promoção da saúde mental coletiva, com ênfase em equidade e justiça social.

Atualmente, o conceito de saúde mental pode ser definido como o estado de bem-estar em que o indivíduo reconhece suas capacidades, lida com os problemas normais da vida, trabalha e contribui para sua comunidade. Para isso, devem ser considerados fatores individuais, sociais, culturais e econômicos, refletindo a complexidade dos fenômenos que influenciam a saúde psicológica de um indivíduo (Alcântara et al., 2022).

Conforme o Ministério da Saúde (2002), a Lei nº 10.216/2001 dispõe acerca da proteção e dos direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, redirecionando o modelo assistencial em saúde mental; assim, o Centro de Atenção

Psicossocial (CAPS) atua como um dispositivo voltado ao atendimento a pessoas em sofrimento psíquico. A Portaria nº 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002, formalizou o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), integrando-o à RAPS. Esses serviços se configuram como unidades especializadas no atendimento em saúde mental para pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, compostas por uma equipe multiprofissional que atuam com o objetivo de promover a reabilitação psicossocial dos seus usuários (Paim et al., 2021).

A abertura deste serviço em uma cidade ou região depende da análise da demanda local – ou seja, quantas pessoas precisam desse serviço – e da capacidade do município de estruturar e manter esse centro de atendimento. Além da Lei nº 10.216/2001, que redireciona o modelo assistencial em saúde mental, a Política Nacional de Saúde Mental foi fortalecida pela Portaria nº 3.088/2011, que instituiu a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), e pela Portaria nº 130/2012, que redefiniu o modelo dos CAPS AD III, adotando a Redução de Danos como estratégia central no cuidado de usuários de álcool e outras drogas.

O Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) é voltado ao atendimento de pessoas que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas. Essa modalidade de serviço oferece atendimentos individuais e em grupo, oficinas terapêuticas, visitas e acompanhamento domiciliar, bem como atividades comunitárias (Nabarrete & Bastos, 2024).

Entre as atividades, destacam-se aquelas que são desenvolvidas predominantemente em grupo. Essa abordagem de cuidado propicia um espaço de interação e troca entre os usuários, permitindo que eles compartilhem suas ideias, experiências e questões de vida. Esse processo contribui para o fortalecimento de vínculos entre si, com a instituição e a comunidade (Sousa et al., 2020).

Compreende-se que o atendimento a grupos está atrelado aos princípios da Reforma Psiquiátrica. Para Sousa et al. (2020), considerando a realidade dos serviços de saúde no país, em que a procura muitas vezes ultrapassa a capacidade dos profissionais de oferecer acompanhamento individual a todos os

pacientes em tratamento, a abordagem em grupo se configura como um recurso para proporcionar uma assistência mais eficaz e ampla.

Existem diferentes modalidades de grupos – apoio, autoajuda e terapêuticos, conduzidos por profissionais. Sousa et al. (2020) destaca a importância dos Grupos Terapêuticos no CAPS AD, pois, ao promover a interação entre os participantes, cria-se um senso de comunidade, espaço para a expressão de suas subjetividades, permitindo que os usuários compartilhem experiências, desafios e conquistas.

A composição mínima da equipe profissional segue as diretrizes do Ministério da Saúde (2002) e deve estar organizada de acordo com a modalidade do CAPS. Para o CAPS AD, que trabalha com atendimento diário, a equipe inclui obrigatoriamente um médico clínico, psiquiatra, um enfermeiro especializado em saúde mental, um assistente social, psicólogos e técnicos de enfermagem, além de outros profissionais que contribuem para o atendimento multiprofissional.

Com base nas equipes, esse estudo destaca as ações do Serviço Social, categoria que assume este campo desde 1980, com a criação das políticas públicas de saúde mental. Por esta razão, é necessário fomentar as discussões frente às potencialidades e possibilidades da profissão para compreender melhor sua atuação profissional nessa área.

No CAPS AD, o vínculo estabelecido entre o assistente social e o usuário é essencial, e a arte se torna um importante instrumento interventivo e facilitador no processo de trabalho em grupo. Desse modo, a arte pode ser adaptada de diversas maneiras no cotidiano do assistente social, auxiliando tanto na aproximação e no fortalecimento do vínculo quanto na mediação e transformação da realidade. Ela amplia as possibilidades de reflexão do indivíduo, fortalecendo sua capacidade crítica e favorecendo processos de emancipação, promovendo assim uma experiência mais humanizada. Nesse contexto, pode se tornar uma ferramenta de grande importância para a prática da(o) Assistente Social, contribuindo para o desenvolvimento de novas formas de intervenção e compreensão das relações sociais (Garcia & Silva, 2020).

Por esta razão, é imprescindível discutir e qualificar as práticas de atenção psicossocial nos serviços dos CAPS AD, por meio do fomento de pesquisas que envolvam a alusão a diferentes tipos de cuidado em saúde mental. Também é determinante estudar o papel do Serviço Social enquanto categoria profissional que se insere nos processos de trabalho da equipe multiprofissional.

O objetivo deste estudo foi analisar as contribuições dos grupos terapêuticos como ferramenta de cuidado em saúde mental no contexto do CAPS AD, sob a ótica da atenção psicossocial e do Serviço Social. A proposta foi compreender de que forma as práticas grupais, articuladas à arte e ao vínculo profissional, possibilitam a expressão das subjetividades, a construção de vínculos e a ressignificação das trajetórias de vida de jovens usuários em situação de vulnerabilidade.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de caráter descritivo, com abordagem qualitativa, fundamentada nos preceitos da Pesquisa-Intervenção, caracterizada pela construção conjunta e interativa entre todos os atores envolvidos. Ao longo do percurso investigativo, essa abordagem incorpora uma intervenção que possibilita a análise aprofundada dos fenômenos estudados (Sousa et al., 2022).

Este estudo faz parte de um projeto maior intitulado Programas de Residências Multiprofissionais como geradores de inovação e serviços baseados em evidências para usuários do (SUS), aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Passo Fundo (UPF), sob o Parecer n. 6.884.492.

A pesquisa foi realizada no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS AD), localizado em um município da região norte do Rio Grande do Sul, o qual atua na atenção integral a pessoas com transtornos mentais decorrentes do uso abusivo de álcool e outras substâncias psicoativas. Ocorrem um espaço ofertado pelo grupo terapêutico, que possibilitou aos participantes a expressão de experiências, sentimentos e subjetividades em relação ao processo de enfrentamento da dependência química.

O público do grupo terapêutico são jovens do gênero masculino entre 18 e 35 anos. As reuniões ocorrem semanalmente, são abertas, e não há número exato de participantes a cada encontro durante as semanas devido à rotatividade dos usuários (no entanto, ao longo da participação da residente, 36 jovens integraram o grupo). O grupo é conduzido por uma Psicóloga do serviço, que colaborou imensamente com as intervenções dessa pesquisa, e por uma Assistente Social residente do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde Mental (PRMASM).

A participação da pesquisadora se iniciou no campo de prática no CAPS AD. Totalizou-se a condução de 24 encontros no período de março a outubro de 2024. A duração dos encontros foi de uma hora, todas as quartas-feiras, com temáticas envolvendo questões relacionadas ao uso abusivo de substâncias, sendo organizadas em planejamento prévio propostas de intervenções específicas a cada reunião, de acordo com a demanda dos usuários.

Para a aplicação da Pesquisa-Intervenção, os participantes foram usuários do CAPS AD, inseridos ativamente nos grupos terapêuticos e as profissionais acima mencionadas. Para Sousa et al. (2022), o envolvimento desses atores é fundamental na Pesquisa-Intervenção, pois ela busca não só investigar, mas também transformar as práticas institucionais por meio do engajamento direto de quem está implicado no processo de cuidado. Os critérios de inclusão foram: aceitar participar voluntariamente da pesquisa mediante preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os critérios de exclusão: demonstrar desconforto emocional em conversar durante a intervenção.

Sob a perspectiva da Pesquisa-Intervenção, houve a implicação inicial das mediadoras do grupo, com a realidade vivida pelos jovens no CAPS AD. Como defendem Rocha e Aguiar (2003), a implicação é um conceito fundamental da Pesquisa-Intervenção, que visa reconhecer e problematizar o lugar dos pesquisadores e dos participantes dentro da instituição.

Nesse momento, foram realizadas observações participativas dos encontros nos grupos terapêuticos, buscando captar as dinâmicas internas e os fluxos de poder presentes nas interações entre

usuários e facilitadoras. Essas observações permitiram um diagnóstico institucional, identificando as questões que atravessam o cotidiano dos grupos, como: dificuldades na expressão emocional por parte dos participantes, a rotatividade de usuários, a dificuldade de adesão aos grupos, entre outras.

As categorias de análise emergiram da triangulação entre os dados dos prontuários, das observações sistematizadas durante os encontros de grupo e das respostas às perguntas abertas aplicadas nos dois encontros da intervenção. Ainda que nem todas as categorias tenham se originado diretamente das perguntas aplicadas, todas foram elaboradas com base em elementos que emergiram ao longo do processo investigativo, sendo essenciais para aprofundar a análise das contribuições dos grupos terapêuticos no CAPS AD. Portanto, mesmo quando não diretamente derivadas das perguntas, as categorias mantêm coerência com o objetivo do estudo, pois permitem compreender que os grupos atuam como dispositivos de cuidado psicossocial, considerando a realidade social, afetiva e institucional dos jovens participantes.

Para a pesquisa-intervenção foram organizados dois encontros no mês de outubro, previamente planejados e divulgados mediante convites para participação voluntária. Os encontros ocorreram com acolhimento inicial, introdução ao tema e orientação para que os participantes usassem a pintura em tecido como forma de expressar sentimentos e experiências relacionados à dependência química e ao cuidado em saúde mental.

O primeiro encontro se deu com usuários que frequentam o grupo terapêutico na quarta-feira e o segundo, com a participação dos usuários dos grupos de quinta-feira. No total, foram 12 usuários. Considerando a arte como uma importante ferramenta para a expressão dos participantes, a pintura em tecido foi escolhida como parte da intervenção. Foi disponibilizado um grande tecido em branco e materiais para pintura: pincéis, tintas de tecido em diversas cores, lápis e canetas coloridas.

Foram entregues papéis e canetas contendo 3 perguntas abrangentes sobre a representação do grupo terapêutico para os participantes, esclarecendo que eram perguntas a serem respondidas de forma

voluntária. As perguntas foram: (1) O que o grupo tem significado para você? Considera importante para o seu processo de tratamento? (2) você percebe que o grupo auxilia na percepção da sua história? (3) se possível, cite situações em que o grupo lhe auxiliou durante sua trajetória de acompanhamento no CAPS AD.

Os dados foram submetidos à análise de conteúdo que se atenta à compreensão do tema manifesto pelos sujeitos, permitindo assim a investigação das significações e dos sentidos expressos. A técnica permite ao pesquisador inferir e interpretar, construindo a categorização dos dados significativos para análise do objeto pesquisado (Minayo, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Corroborando com a proposta metodológica desta pesquisa, com base nas informações coletadas, os dados encontrados foram divididos por categorias de análise de conteúdo para serem discutidos ao longo do estudo. São elas: (1) Percursos e relações: caracterização do perfil dos participantes do grupo terapêutico; (2) Vulnerabilidades e redes de apoio: o contexto social dos pacientes e seus reflexos na saúde mental e (3) Grupos terapêuticos e serviço social: a arte como estratégia de cuidado em saúde mental.

Percursos e relações: caracterização do perfil sociodemográfico dos participantes do grupo terapêutico

Ao longo da inserção da residente no CAPS AD e do período de condução do grupo, participaram dos encontros 36 pessoas do gênero masculino, na faixa etária de 18 a 35 anos, sendo a média de idade de 24,7 anos. Essa categoria foi construída com base nos dados secundários (prontuários e registros no e-SUS) e nas observações realizadas durante os encontros. Trata-se de uma caracterização do perfil sociodemográfico dos participantes do grupo terapêutico, com foco em aspectos como faixa etária, situação de emprego, moradia e principais substâncias em uso. Esses indicadores sociodemográficos, ao serem sistematizados, apontam para condições de vulnerabilidade social que frequentemente estão

associadas ao desenvolvimento ou agravamento de transtornos por uso de substâncias psicoativas.

A faixa etária predominante de jovens está em consonância com outros estudos que discutem o perfil sociodemográfico dos indivíduos vinculados ao CAPS AD das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Além disso, em pesquisas recentes sobre o consumo de SPAs entre adolescentes e jovens, observou-se que o uso de substâncias pode estar ligado a vários fatores, como condições socioeconômicas desfavoráveis, pertencimento a famílias cujos responsáveis têm baixa escolaridade, conseqüentemente, à insatisfação com o trabalho, que muitas vezes é realizado para complementar a renda familiar (França et al., 2022).

Essa realidade expõe o enfrentamento de diversos desafios que afetam não somente os jovens, mas também as famílias e comunidades. Muitos ainda dependem da rede familiar ou estão muito próximos dela. Fortalecer essa rede e compreender as dinâmicas familiares e sociais é essencial para que o tratamento realmente tenha um impacto positivo na vida desses jovens (Trevisan & Castro, 2019; França et al., 2022).

Outro dado relevante está relacionado à inserção no mercado de trabalho, das condições de emprego dos 36 participantes analisados: 44,4% deles estão desempregados e 30,6% trabalhando de maneira informal. Esses dados denotam que a insegurança econômica é uma questão que atravessa a realidade dos jovens e a ausência de trabalhos formais os impede de acessar direitos trabalhistas, como a previdência social e afastamento das atividades laborais em diversas situações, como doenças, acidentes de trabalho, licença-paternidade, luto, casamento, doação de sangue e exames preventivos.

Conforme França et al. (2022), esse fator também foi observado em outros estudos feitos em CAPS AD e pode ser visto tanto como uma consequência quanto como um fator que favorece a dependência de álcool e outras drogas. O uso de substâncias também tem sido associado à pobreza e à exclusão social. Ressalta-se que esta realidade foi comumente vista no perfil dos usuários do CAPS AD do grupo terapêutico, muitos em situação de rua e que tiveram como meio para sair dessa condição a busca por internações temporárias em Comunidades Terapêuticas (CTs).

Dos participantes, 22,2% estavam empregados formalmente, refletindo a dificuldade de conseguir uma vaga no mercado de trabalho formal. Esse obstáculo pode resultar de várias situações: estigma devido a histórico de uso de substâncias, pouca qualificação profissional e, muitas vezes, a falta de uma rede de apoio que conecte a oportunidades de emprego (França et al., 2022; Sanches & Vecchia, 2020).

Apenas 2,8% dos participantes continuam estudando, ao contrário do ideário social permeado de estigmas, esse dado representa uma janela importante para apoiar a reintegração social e profissional, onde o serviço pode fomentar o incentivo, seja por meio de orientação educacional ou programas de capacitação. Tais estratégias podem ser inseridas no próprio serviço do CAPS AD, obtendo como ferramenta primordial os grupos terapêuticos para fomentar essas intervenções. Esses dados enfocam a reflexão de que o suporte oferecido pelo CAPS AD poderia ir além do cuidado em saúde mental, estimulando a criação de parcerias com organizações de formação profissional e programas de inserção no mercado de trabalho. Parcerias com instituições que oferecem capacitação e oportunidades de emprego podem ser um passo importante para ajudar esses jovens a se sentirem valorizados e mais preparados para enfrentar a vida, com suporte não só na saúde mental, mas também na independência financeira e social. Tais considerações corroboram com o estudo que concluiu que muitos jovens enfrentam o desemprego ou trabalho informal, as dificuldades econômicas se somam aos desafios do tratamento (França et al. 2022).

Considerando o uso abusivo de substâncias psicoativas como principal motivo pela busca no serviço do CAPS AD, o *crack* é umas das substâncias mais citadas, aparecendo no contexto dos jovens como maior causa de prejuízos relacionados à síndrome de abstinência às substâncias. A prevalência do consumo do *crack* também aparece nos estudos sociodemográficos do público analisado, assim, Santana et al. (2020) ressalta que essa é uma substância com grande potencial de deterioração física e mental que, com o uso prolongado, pode comprometer a qualidade de vida de forma ampla, justificando assim a dificuldade que encontram para se manterem no mercado de trabalho.

Para Santana et al. (2020); Silva et al. (2021), a cocaína e o álcool também se destacam, frequentemente aparecendo em conjunto com outras substâncias ou sozinhos, o que pode indicar o papel dessas substâncias como parte dos padrões de uso comum entre os jovens atendidos. Além disso, surge o uso de múltiplas substâncias: um número significativo de usuários apresenta padrões de uso de vários tipos de substância, incluindo combinações entre álcool, cocaína, *crack* e maconha. Os escritos de Santana et al. (2020), em que retrata o perfil dos usuários de um CAPS AD III, delineiam a prevalência de vinculações de usuários encaminhados de hospitais psiquiátricos para acolhimento inicial no serviço, com diagnósticos principais de dependências de múltiplas drogas.

Nesse contexto, a literatura expressa uma preocupação com o uso simultâneo de várias substâncias, que tem se destacado como característica marcante do padrão compulsivo atual, substituindo o uso exclusivo de uma única substância (Santana et al., 2020). Dentre os diversos prejuízos causados pelo uso das substâncias psicoativas, encontram-se as implicações no tratamento, pois a predominância de substâncias psicoativas pesadas, como *crack* e cocaína, associadas ao uso frequente de álcool, apontam para um cenário de grande vulnerabilidade.

Esse uso tende a estar associado a situações de risco, como questões de saúde geral, sociais e econômicas que podem ser agravadas pelo consumo intenso e pela combinação de diferentes SPAs (Silva et al. 2021). Tal contexto está fortemente retratado quando se volta para a caracterização dos participantes nas questões de vida acima discutidas, que serão observadas ao longo do discernimento dessa pesquisa.

Vulnerabilidades e redes de apoio: o contexto social dos pacientes e seus reflexos na saúde mental

No decorrer das atividades, ao passo que as histórias de vida eram compartilhadas, as realidades vividas pelos participantes denotam vivências marcadas pelo uso de substâncias na infância ou adolescência, em sua maioria em torno dos 10 a 15 anos. De acordo com os estudos de Trevisan e Castro

(2019), a maioria dos usuários atendidos na região de Minas Gerais iniciaram o uso entre 12 e 15 anos. Esse contexto sugere uma exposição precoce na vida dos jovens, causando impactos significativos no desenvolvimento social e psicológico deles.

Há uma presença significativa dos jovens que passaram por situação de rua, sendo esta uma das principais demandas para a/o assistente social, que necessita realizar o atendimento do usuário, compreender seu contexto e encaminhá-lo para o Centro Pop e à Casa de Passagem para que seja acolhido pelo serviço temporariamente. Nesse sentido, é primordial refletir sobre os aspectos multifatoriais que envolvem o início precoce, uma vez que aparece frequentemente associado a situações de vulnerabilidade, abandono familiar, histórico de violência sexual ou doméstica e vivência em situação de rua, o que indica que o uso de substâncias pode ter sido uma forma de enfrentamento ou consequência das condições de vida adversas (Antunes et al., 2020; Trevisan & Castro, 2019; Silva et al., 2021).

Antunes et al. (2020) discerne sobre a exposição à violência doméstica ou à violência sexual se relacionarem a fatores de risco que aumentam a probabilidade do desenvolvimento de transtornos psicológicos, associando-os ao uso de substâncias como estratégia de enfrentamento. Crianças que presenciam violência familiar tendem a apresentar maior vulnerabilidade a comportamentos de risco na adolescência e idade adulta, incluindo o uso de SPAs (Antunes et al., 2020).

Na infância e adolescência dos usuários atendidos, os dados desse estudo denotaram situações de violência doméstica e sexual, privação de liberdade em decorrência do uso de SPAs. Trazendo à tona as discussões sobre as lógicas punitivistas que muito se observam como estratégias de cuidado, fatores que afetam profundamente a saúde mental dos usuários e requerem intervenções psicossociais para além do que se observa no imaginário societário, em relação ao tratamento.

Muitos dos jovens também manifestaram ideação suicida e transtornos mentais graves, que podem ter sido exacerbados pelo uso de substâncias e pelo contexto de violência e instabilidade emocional vivenciada. A prevalência

de comorbidades psiquiátricas também é reforçada nos estudos de Silva et al. (2021), indicando que parte significativa dos usuários do CAPS AD (40,9%) apresentava comorbidades psiquiátricas. Esse cenário é frequente e observado em outros estudos, que revelam que pessoas com dependência química têm maior probabilidade de desenvolver transtornos psiquiátricos em comparação àquelas que não fazem uso de substâncias (Silva et al., 2021).

Os achados de Trevisan e Castro (2019) discutem o papel da família como fator de risco ou proteção, em relação aos usuários atendidos. A presença de conflitos familiares aparece fortemente, incluindo rompimento de vínculos e ausência de apoio parental. Em alguns casos, esses conflitos envolvem questões de violência e abandono, que podem ter agravado a condição de uso. É possível ainda fazer uma análise de dos poucos jovens que contam com uma rede de apoio, em sua maioria é a figura feminina como referência – mães, avós ou irmãs, que oferecem um suporte mínimo, apresentaram maior adesão ao tratamento no serviço.

Nesse sentido, o contexto familiar pode ser considerado fator protetivo, mas também de risco, dependendo da dinâmica estabelecida entre as famílias. Para Trevisan e Castro (2019), é protetivo quando pode ofertar um ambiente seguro, harmônico e estável, e de risco, quando envolve vivências de desordens, consumos de SPAs, falta de suporte e apoio. No caso dos jovens, a família aparece nessas variáveis, para alguns, suporte, para outros, meio que os desorganiza, conforme relatos observados ao longo dos encontros.

Visto isso, a literatura ressalta a rede de apoio como recurso fundamental no processo de recuperação e ressocialização para quem com ela pode contar, sugerindo a importância de cuidar também de quem cuida. A promoção de espaços para o amparo à rede de apoio é uma ação resolutiva, pois muitas vezes essas pessoas não estão preparadas e até se encontram sobrecarregadas com o processo de cuidado, considerado complexo, da dependência química (Trevisan & Castro, 2019).

Ao discutir acerca da reabilitação psicossocial e reinserção de indivíduos com problemas relacionados ao uso de SPAs, Sanches e Vecchia

(2020) destacam os desafios encontrados pelos profissionais para sua efetivação. Citam o estigma como barreira de adesão ao tratamento, a escassez de atividades de trabalho e geração de renda, a participação familiar no processo de cuidado e a falta de investimento público nos serviços. Tais questões estão significativamente atravessadas na trajetória de vida dos usuários, reportando a importância de repensar o desenvolvimento de ações locais e as estratégias voltadas para as demandas concretas dos usuários (Sanches & Vecchia, 2020).

Nesse sentido, os grupos terapêuticos emergem como espaços privilegiados de expressão dessas demandas, nos quais usuários não apenas compartilham experiências de sofrimento e superação, mas também constroem coletivamente caminhos de enfrentamento que envolvem aspectos subjetivos, sociais e institucionais. Assim, a análise dessas barreiras fortalece a compreensão dos grupos como ferramentas fundamentais no processo de cuidado psicossocial, contribuindo para a construção de vínculos, promoção da cidadania e inclusão social.

Grupos terapêuticos e serviço social: utilizando a arte como estratégia de cuidado em saúde mental

Com base na Pesquisa-Intervenção, utilizando o grupo terapêutico e a importante vinculação que essa ferramenta proporcionou às profissionais mediadoras e aos usuários, houve a proposta de utilizar a arte como intervenção psicossocial. No primeiro encontro estiveram quatro usuários e, no segundo, oito. Mediante as perguntas que foram respondidas surgiram representações importantes e significativas em relação ao grupo terapêutico.

No exemplo da narrativa “O grupo significa um refúgio das minhas aflições e comunhão com pessoas iguais a mim” (P2), denotam-se elementos importantes sobre o papel do grupo terapêutico no processo de tratamento e no desenvolvimento pessoal, representado como um “refúgio”, sugerindo que o espaço é percebido como lugar seguro e acolhedor, onde é possível se sentir compreendido e amparado. Isso reforça a ideia de que o grupo não apenas trata do uso de substâncias, mas

também promove um espaço de conexão, onde os participantes encontram apoio emocional e reconhecimento mútuo.

De acordo com Mazeto e Carrapato (2018), o grupo terapêutico proporciona um ambiente de acolhimento, integração e aprendizado entre os participantes. Nesse espaço, os indivíduos têm a chance de compartilhar experiências baseadas em suas vivências, o que lhes permite refletir sobre si mesmos, ajustar-se às suas próprias necessidades e fortalecer suas relações interpessoais.

Em outra expressão, o participante diz: “O grupo auxilia a valorizar o meu presente e focar no meu futuro, mas sem me esquecer do meu passado [...] auxiliou na convivência com a minha família, com o meu crescimento profissional e como lidar com minhas abstinências [...]” (P2). A valorização do presente e um foco saudável como perspectiva de futuro é uma reflexão que surge com muita frequência entre membros, ao mesmo tempo que reflete a não desconsideração do passado. Essa fala mostra como o grupo contribui para uma ressignificação da trajetória de vida, ajudando-o a entender a própria história e transformá-la em um ponto de aprendizado, auxiliando a fortalecer a autocompreensão e a aceitação de si mesmo (Aguiar & Oliveira, 2021).

Aguiar e Oliveira (2021), ao descreverem a experiência da produção de um livro com participantes de um grupo terapêutico no CAPS AD, reforçam a potência terapêutica que é reportar aos participantes o contrário do que lhes fora naturalizado, de que antes de serem usuários de SPAs e outros transtornos mentais, são seres humanos cheios de sonhos, afetos e histórias singulares.

Além desses aspectos, o grupo terapêutico aparece como um meio organizador para o usuário, pois muitas vezes surgem dúvidas, necessidades de orientações frente às dificuldades em lidar com o processo de tratamento. A exemplo, cita-se a narrativa: “O grupo é um bom lugar onde eu posso falar e as pessoas me entenderem [...] consigo perceber melhor o meu comportamento [...] no dia a dia perceber melhor quando tenho alterações” (P 11).

Ao identificar as alterações em seu comportamento no dia a dia, o indivíduo demonstra

que o processo de autoconhecimento iniciado no grupo está sendo levado para fora do espaço terapêutico. Essa autopercepção é uma ferramenta positiva, permitindo que ele perceba mudanças ou sinais precoces de risco e tome medidas preventivas. Essa habilidade pode ser crucial para lidar com situações de estresse que podem expor a riscos. Andrade et al. (2020) mencionam que a atividade em grupo contribui para o melhor enfrentamento das dificuldades ao promover orientações sobre como lidar com os sintomas dos transtornos, esclarecendo mitos e crenças estigmatizadas, buscando no coletivo soluções para os desafios comuns, fortalecendo redes de apoio e aprimorando o cuidado de si.

A fala de outro membro reforça a visão de que o grupo é considerado um espaço de acolhimento de compreensão: “No momento está sendo muito importante, pois fala sobre seus problemas e nesse momento que eu me enxergo e tento me entender [...] importante e construtivo, cada um tem suas histórias, boas ou ruins” (P06). Isso demonstra que ele se sente ouvido e compreendido pelo coletivo, uma afirmação que aponta para o valor do grupo como um ambiente onde os participantes podem compartilhar suas vivências sem julgamento, sentindo-se validados em suas experiências e emoções, entendendo que cada um tem suas particularidades e singularidades (Sousa et al. 2020). Esses autores afirmam que a experiência grupal promove não apenas a expressão emocional, mas também o sentimento de pertencimento, fortalecendo os vínculos interpessoais e potencializando a adesão ao tratamento.

Além das falas, palavras e imagens emergiram na pintura em tecido, refletindo elementos profundamente simbólicos, carregados de significados emocionais e psicológicos que dialogam com o universo interno dos indivíduos. A simbologia das palavras “família”, “amor”, “afeto”, “irmandade”, reproduzidas no tecido, emerge o desejo de pertencimento e reconstrução de vínculos.

Para muitos dos participantes, a família é percebida como um espaço de apoio essencial para o processo de recuperação, mas também pode ser um território de conflito e dor. Ferreira Gullar, (2024) ao retratar a história da criação do Museu de Imagens

do Inconsciente (MII) por Nise da Silveira, descreve como a expressão artística pode ser um canal poderoso para acessar conteúdos inconscientes, promovendo a integração emocional e psíquica. Essas simbologias reproduzidas no tecido reforçam que a arte permite revisitar essas relações presentes na vida dos jovens, ressignificando-as em um espaço seguro.

As palavras “esperança”, “gratidão”, “fé”, “saúde”, indicam a busca por superação e resiliência. Podem representar a projeção de um futuro idealizado, um desejo por transformação e cura. Catta-Preta (2021), em seus estudos sobre os *Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira*, corrobora que essas simbologias podem estar relacionadas a recursos internos que conectam o indivíduo com sua capacidade criativa e transformadora, ajudando-o a transitar do sofrimento para a construção de novas possibilidades.

Os termos “luto”, “saudades” e “por quê?” refletem a dor da perda e os questionamentos existenciais. Para a autora, a expressão artística é uma forma de elaborar sentimentos difíceis, como o luto, que muitas vezes não encontram espaço para serem processados em palavras. O livro *Jung: vida e obra*, escrito por Nise da Silveira, em nova edição pela Editora Paz e Terra, de 2023, detalha que a arte permite confrontar essas emoções de maneira segura, abrindo caminho para a aceitação e o desenvolvimento emocional desses processos não elaborados internamente.

As palavras “atitude”, “gratidão” e “amizade” podem simbolizar movimentos de ação e mudança, reforçando o papel do grupo e das conexões sociais como agentes impulsionadores do processo terapêutico. A amizade e o apoio mútuo destacam o valor da convivência no CAPS AD como um espaço de acolhimento e troca.

A simbologia dos desenhos retratados no tecido, como o palhaço, pode ser vista como uma metáfora ambivalente, associada tanto à alegria quanto à tristeza. Ele simboliza o esforço de mascarar o sofrimento ou a necessidade de resgatar uma espontaneidade perdida. Nise (2023) considerava essas imagens como expressões genuínas do inconsciente coletivo, representando

forças emocionais que os indivíduos talvez não consigam verbalizar. Além disso, para o participante que o desenhou, representa o envolvimento interpessoal com outros grupos, dos quais ele se sente pertencente. Em todas as atividades de pintura no CAPS AD, sempre foi o que desenhou, como uma marca de sua identidade.

A paisagem com sol, mar, árvores, a casa... pode refletir anseios de estabilidade e tranquilidade. A casa, em particular, pode simbolizar a busca por segurança e pertencimento, enquanto o sol e o mar evocam liberdade, renovação e esperança. O coração, o CAPS AD... remetem à afetividade, ao desejo de cuidado e conexão emocional. A inclusão do CAPS AD nos desenhos reflete o reconhecimento do espaço como um lugar de acolhimento e resgate, simbolizando o vínculo construído com o grupo e com o processo terapêutico. Conforme Catta-Preta (2021), imagens simbólicas em contextos terapêuticos atuam como canais de comunicação com conteúdo profundo do psiquismo, favorecendo a ressignificação de experiências e a elaboração emocional. Desse modo, os desenhos se tornam registros das vivências do grupo e do processo de transformação subjetiva em curso.

CONCLUSÃO

As informações produzidas neste estudo, apesar da pequena amostra, evidenciam a necessidade de reflexão acerca do potencial dos grupoterapêuticos como ferramenta de cuidado em saúde mental, especialmente no contexto do CAPS AD. Tendo como base a metodologia de Pesquisa-Intervenção, evidenciou-se que a utilização da arte, especificamente a pintura em tecido, é uma estratégia significativa para acessar dimensões subjetivas e promover a expressão emocional dos participantes. Esse recurso potencializou a ressignificação de vivências e ampliou o engajamento no tratamento, demonstrando a relevância de abordagens integrativas e criativas no campo psicossocial, o que responde ao objetivo proposto.

A execução da pintura em tecido pelos participantes evidenciou elementos simbólicos relacionados a desafios enfrentados, dores vividas

e aspirações de transformação pessoal. Durante os encontros, observou-se que a intervenção artística favoreceu a expressão de sentimentos sobre o tratamento, as relações estabelecidas no grupo e os desejos por mudança. Essa dinâmica contribuiu para ampliar as possibilidades de comunicação dos participantes, bem como para fortalecer o sentimento de pertencimento no coletivo, o que pode se refletir em maior engajamento com o cuidado psicossocial.

Pontuam-se, ao longo da experiência com os grupos terapêuticos, diversos desafios que impactaram diretamente a continuidade e a efetividade do processo grupal, como a diversidade de necessidades entre os participantes, a rotatividade constante e as dificuldades de adesão. Tais aspectos estão fortemente atravessados por questões sociais presentes na vida dos usuários, como pobreza, instabilidade familiar, ausência de rede de apoio e precarização dos vínculos com os serviços públicos, o que acaba se tornando barreira concreta ao acesso e à permanência nos serviços de saúde mental. Ressalta-se a necessidade de fortalecimento das estruturas do serviço, físicas e de recursos humanos, qualificando a atenção integral e expandindo estratégias que respondam à heterogeneidade do público atendido no CAPS AD.

Frente a esse cenário, destaca-se ainda mais a importância do trabalho psicossocial em equipe, que não se restringe às atuações do Serviço Social e da Psicologia, mas se estende à atuação integrada da equipe multiprofissional. Os grupos terapêuticos, nesse contexto, revelam-se como dispositivos potentes de acolhimento, reconstrução de vínculos e ativação de estratégias subjetivas e coletivas de cuidado, reafirmando sua relevância como ferramenta no campo da atenção psicossocial, conforme analisado neste estudo.

Por fim, propõe-se que futuras intervenções aprofundem o uso de práticas criativas nos grupos terapêuticos, estimulando também a produção científica, principalmente voltada para práticas do Serviço Social nesses espaços, devido à constatação da escassez de pesquisas no campo da saúde mental. Além disso, novos estudos podem viabilizar o fortalecimento de políticas públicas e estratégias de cuidado.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, V. P.; Vieira, C. A. L.; & Alves, S. V. (2022). Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 351-361. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.22562019>
- Almeida, J. M. C. D. (2019). Política de saúde mental no Brasil: o que está em jogo nas mudanças em curso. *Cadernos de Saúde Pública*, 35, e00129519. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00129519>
- Andrade, J. M. M.; Farinha, M. G. & Esperidião, E. (2020). Enfermagem em saúde mental: intervenção em sala de espera na assistência integral à saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73, e20180886. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0886>
- Antunes, J. T., Machado, Í. E. & Malta, D. C. (2020). Fatores de risco e proteção relacionados à violência intrafamiliar contra os adolescentes brasileiros. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23(Suppl 01). <https://doi.org/10.1590/1980-549720200003.supl.1>
- Baroni, D. P. M. & Andrade, M. C. R. (2021). Um olhar amplo sobre a saúde mental pública. *Cad. Saúde Pública* 37 (2). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00354920>
- Brasil. (1990). *Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990*. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União. Recuperado em 03 de dezembro de 2025 de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8142.htm
- Brasil. Ministério da Saúde. (2002). Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre a criação dos Centros de Atenção Psicossocial no âmbito do SUS. *Diário Oficial da União*, seção 1. Recuperado em 10 de outubro de 2025 de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html
- Brasil. Ministério da Saúde. (2012). *Portaria nº 130, de 26 de janeiro de 2012. Redefine os CAPS AD III e reforça a estratégia de Redução de Danos*. Diário Oficial da União. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0130_26_01_2012.html

- Catta-Preta, M. V. (2021). Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira e suas contribuições para a psicologia analítica. *Junguiana*, 39(1), 111-126. Recuperado em 15 de outubro de 2025 de <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v39n1/08.pdf>
- França, A. C. S.; Duarte, P. O.; Felipe, D. A. & Sousa, F. D. O. S. (2022). Perfil dos usuários de um centro de atenção psicossocial álcool e outras drogas na zona da mata de Pernambuco. *Revista Ciência Plural*, 8(1), e25473-e25473. <https://doi.org/10.21680/2446-7286.2022v8n1ID25473>
- Faria, C. D. D. & Machado, Y. D. J. (2022). Análisis comparativo: Los derechos humanos y las leyes orgánicas de la salud. *Revista Bioética*, 30, 558-563. <https://doi.org/10.1590/1983-80422022303549PT>
- Gullar, F. (2024). *Nise da Silveira: Uma psiquiatra rebelde*. Paidós.
- Garcia, A. de L. & Silva, G. N. F. (2020). O serviço social e a prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social. *Ciência em Evidência: Revista Multidisciplinar*, 1(2). Recuperado em 12 de outubro de 2025 de <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/cienciaevidencia/article/download/1612/1109/7531>
- Mazeto, B. R. & Carrapato, J. F. L. (2018). A importância da dinâmica de grupo no tratamento da dependência de substâncias psicoativas em uma comunidade terapêutica. *SALUSVITA*, 37(2), 301-321. Recuperado em 12 de outubro de 2025 de https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/salusvita/salusvita_v37_n2_2018/salusvita_v37_n2_2018_art_02.pdf
- Minayo, M. C. de S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Nabarrete, L. M. de S. & Bastos, P. R. H. de O. (2024). Análise sobre os serviços da Rede de Atenção Psicossocial: uma revisão integrativa. *Multitemas*, 29(71), 71-92. <https://doi.org/10.20435/multi.v29i71.4199>
- Paim, G. M., Guinsburg, S. Z. N.; Lima, M. Â. F. de & Castan, J. U. (2021). O grupo do jornal no CAPS. *Mental*, 13(24), 1-16. Recuperado em 10 setembro de 2025 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272021000200005&lng=pt&tlng=pt
- Rocha, M. L. D. & Aguiar, K. F. D. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23, 64-73. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>
- Santana, R. T.; Miralles, N. C. W.; Alves, J. F.; Santos, V. Ávila dos; Vinholes, U. & Silveira, D. S. da. (2020). Perfil dos usuários de CAPS-AD III. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(1), 1343-1357. <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n1-103>
- Silva, B. K. M., de Aguiar; A. S. C., de Almeida, P. C.; Roscoche, K. G. C.; Reis, P. A. M. & Martins, W. A. (2021). Análise do perfil de usuários atendidos em um centro de atenção psicossocial álcool e outras drogas. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(4), 16100-16114. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n4-134>
- Silveira, N. da. (2023). *Jung: Vida e obra*. São Paulo: Paz e Terra.
- Sousa, J. M.; Vale, R. R. M. D.; Pinho, E. S.; Almeida, D. R. D.; Nunes, F. C.; Farinha, M. G. & Esperidião, E. (2020). Efetividade dos grupos terapêuticos na atenção psicossocial: Análise à luz do referencial dos fatores terapêuticos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73, e20200410. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0410>
- Sanches, L. R. & Vecchia, M. D. (2020). Reabilitação psicossocial e inclusão social de pessoas com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas: Impasses e desafios. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 24, e200239. <https://doi.org/10.1590/interface.200239>
- Sousa, J. M.; Farinha, M. G.; Silva, N. D. S.; Caixeta, C. C.; Lucchese, R. & Esperidião, E. (2021). Potencialidades das intervenções grupais em Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. *Escola Anna Nery*, 26, e20210294. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0294>
- Trevisan, E. R. & Castro, S. de S. (2019). Centros de Atenção Psicossocial - álcool e drogas: perfil dos usuários. *Saúde em Debate*, 43(122), 1027-1037. <https://doi.org/10.1590/103-1104201912113>